

## Evolução: sua fronteira com a fé!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



Evolução

**1. Evolução:** Do latim *evolutione* que significa 'ação de desenrolar'. Constata-se dupla utilização deste termo: evolução orgânica e das espécies. A evolução *orgânica*, denominada também ontogênese, significa o desenvolvimento desde o ovo até a fase adulta, senectude e morte. A evolução *das espécies* significa a sucessão de etapas por que passaram os seres vivos, desde a instalação da vida na terra, com os primeiros unicelulares, até a situação atual, com um imenso número de espécies e tipos já extintos [José Luís Soares, *Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia*. São Paulo: Editora Scipione, 2004, verbete *evolução*, p. 157].

**2. Tipos de evolução:** A evolução das espécies pode ser: evolução convergente ou evolução divergente. A *evolução convergente* é o tipo de evolução que ocorre quando pressões semelhantes originam adaptações semelhantes em grupos taxonômicos não relacionados como, por exemplo, a evolução das estruturas análogas entre a asa de um inseto e a de uma ave, que embora tenham origem embriológica diferente e sejam anatomicamente diferentes, desempenham função idêntica. A *evolução divergente* é o tipo de evolução que ocorre quando uma ou mais populações relacionadas apresentam estruturas homólogas como consequência de diferentes pressões seletivas, como por exemplo, o membro superior humano, o membro anterior do morcego e a asa de uma ave, embora sejam estruturas com idêntica origem embriológica, constituídas por ossos idênticos, apresentam um aspecto diferente e desempenham, também, funções diferentes. Essas estruturas são consideradas como resultado da seleção natural sobre indivíduos de uma população que apresentam adaptações vantajosas ou que, quando migram para novo ambiente, são selecionados porque possuem características que os tornam mais adaptados a esse meio [*Dicionário de Ciências Biologia e Geologia*. Porto: Porto Editora, 2001, p. 147].

**3. Seleção natural:** A evolução se deve a mecanismos ainda estudados e que compreendem as *mutações*, a *seleção natural*, o *isolamento* e outros mais que integram as diversas hipóteses e teorias que deram corpo ao *Evolucionismo*. Por *evolucionismo* entende-se a doutrina que admite a teoria da evolução. Denomina-se *evolucionismo darwinista* ou *darwinismo* a que foi estabelecida por Charles Darwin, naturalista inglês, 1809-1882. Doutrina que admitia que as espécies

evoluíram por *seleção natural* dos mais aptos, numa conseqüência direta da luta pela vida travada entre os seres. Por *espécie* entende-se o conjunto das populações formadas por indivíduos semelhantes entre si e capazes de se entrecruzarem em condições naturais produzindo descendentes férteis. Por *seleção natural* entende-se, como o próprio Charles Darwin a definiu como: *a preservação das variações favoráveis e eliminação das variações nocivas* [Charles Darwin, *Origem das Espécies*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994, p. 90].

**4. Análise Teológica:** A Igreja Católica, em documento intitulado *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus* [Comissão Teológica Internacional de 25/ 11/ 1996. Tradução de Civiltà Cattolica, IV, p. 254-286, 6 de novembro de 2004, por Ephraim Ferreira Alves], afirma não haver incompatibilidade com a fé, a afirmação da teoria da evolução comprovada pelos novos conhecimentos científicos. Mas faz notar que se mantém crítica em face das teorias materialistas das origens do ser humano, cuja origem não se pode explicar em termos puramente científicos, face à sua criação à imagem de Deus. Veja o texto, n° 64: *O Papa João Paulo II faz, alguns anos, afirmou que “novos conhecimentos científicos levam a não considerar mais a teoria da evolução mera hipótese. É digno de nota o fato de que essa teoria se tenha progressivamente imposto à atenção dos pesquisadores, posteriormente a uma série de descobertas feitas nas diversas disciplinas do saber” (“Mensagem à Pontifícia Academia das Ciências sobre a evolução”, 1996). Em linha com aquilo que já foi afirmado pelo magistério pontifício do século XX em matéria de evolução (em particular a Enádica Humani generis, de Pio XII), a mensagem do Santo Padre João Paulo II reconhece que há “diversas teorias da evolução”, que são “materialistas, reducionistas e espiritualistas” e, portanto, incompatíveis com a fé católica. Daí se infere que a mensagem de João Paulo II não pode ser lida como aprovação geral de todas as teorias da evolução, inclusive aquelas de origem neodarwinista, que negam explicitamente que a Providência Divina poderia ter tido algum papel verdadeiramente causal no desenvolvimento da vida no universo. Fixando o foco principalmente na evolução, enquanto “diz respeito à concepção do ser humano”, a mensagem de João Paulo II se mostra, todavia, especificamente crítica em face das teorias materialistas das origens do ser humano, e insiste sobre a importância da filosofia e da teologia para uma correta compreensão do “salto ontológico” para o humano, que não se pode explicar em termos puramente científicos. O interesse da Igreja pela evolução se concentra, portanto, em particular na “concepção do ser humano” que, enquanto criado à imagem de Deus, “não deve ser subordinado como um puro meio ou como um mero instrumento nem à espécie nem à sociedade”. Como pessoa criada à imagem de Deus, o ser humano é capaz de tecer relações de comunhão com outras pessoas e com o Deus Uno e Trino, como também exercer senhorio e serviço no universo criado. Mostram essas afirmações que as teorias da evolução e da*

*origem do universo revestem particular interesse teológico, quando tocam as doutrinas da criação ex nihilo e a criação do ser humano à imagem de Deus.*

**5. Reflexão Tomista:** O Magistério da Igreja vê nos princípios filosóficos do Aquinate as razões suficientes para explicar que, com relação à origem da alma humana, esta não pode ter sido originada segundo a teoria da evolução materialista, pois não tem ela a sua origem do sêmen [STh I q118 a2 sol]. Encontra também na cosmologia tomista os princípios metafísicos que asseguram que o mundo teve a sua origem por criação [STh I q65 a3 c] e que isso não anula a possibilidade de que, a partir do criado, da potência da matéria primeira, fossem eduzidas novas formas substanciais originadas pela mescla das formas elementares que a informaram originariamente. Segundo o Aquinate o mundo, que é constituído de matéria, sua matéria foi criada por Deus [De nat. mat., c1 n369/ In I Phys., lect15 n139] e não pressupôs a matéria para criar o mundo [Comp. Theo., I t1 c69 n118-120], sendo Deus o único princípio de criação [De Pot., q3 a6 sol], criando duas coisas ‘uma próxima d’Ele e outra próxima do nada’ [STh I q44 a2, sc]. Segundo Tomás, esta tese foi defendida por Santo Agostinho [In II Sent., d12 q1 a4 ad2; In II Sent., d12 q1 a5 sol]. O Aquinate não considera que a matéria foi criada absolutamente informe – ainda que nada impeça de que se a conceba informe no instante da criação, mas informada no instante posterior [STh, I, q.66, a.4, ad.2] – porque embora não tenha sido informada completa e imediatamente pelas formas específicas no mesmo instante de sua criação, foi, pelo menos, no instante seguido, pelas formas elementares, a partir das quais, por mescla, constituiriam a posterior informação específica da matéria, já no tempo sucessivo [In II Sent., d4 q1 a3 sol]. Se tudo o que existiu foi por causa de alguma forma, seria ilícito sustentar que Deus criou a matéria absolutamente informe, mesmo que a forma que Ele comunicou à matéria primeira, no início, tenha sido alguma forma de natureza inferior, a saber, a forma de corporeidade [In II Sent., d.3, q.1, a.1, sol]. Metafisicamente falando, este seria o ‘elemento irreduzível’ que comprovaria uma causalidade inteligente, já que o complexo irreduzível de Behe os supõe. De qualquer modo, podemos admitir uma informação simultânea no instante da criação e outra sucessiva depois deste instante, já no tempo [De Pot., q4 a2 sol], o que poderíamos denominar *evolução* e nisso não haveria contradição em supor, desde que se admitissem ao menos alguma informação naquele instante da criação da matéria primeira. Pois bem, segundo a doutrina do Aquinate não há oposição entre a criação e o que, a partir desta, tenha sido gerado por transformações, como outras substâncias, a partir dos ‘elementos irreduzíveis’. Em nossos dias, tal mudança, transformação ou mutação, em macroorganismos, recebe o nome de *evolução*



[José Luís Soares, *Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia*. São Paulo: Editora Scipione, 2004, p.157].